
O DIA DEPOIS DE AMANHÃ

A liberdade pós-Coronavírus



Antologia de contos

Copyright © Álbum de Memórias, 2020

O dia depois de amanhã – A liberdade pós-Coronavírus

Editores

Bruno Flores

José Fontenele

Projeto gráfico, diagramação e capa

Bruno Flores

José Fontenele

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

O Dia depois de amanhã [livro eletrônico] : a
liberdade pós coronavírus / organização Bruno
Flores e José Fontenele. -- Rio de Janeiro :
José Fontenele, 2020.
; PDF

ISBN 978-65-00-03474-5

1. Contos brasileiros 2. Coronavírus na
literatura 3. Isolamento social I. Flores, Bruno
II. Fontenele, José.

20-36882

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira B869.3

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Todos os direitos desta edição reservados à

Álbum de Memórias

Tel: (21) 99366-7939 / (21) 96868-9417

contato@albumdememorias.com.br

www.albumdememorias.com.br

O DIA DEPOIS DE AMANHÃ

A liberdade pós-Coronavírus



Álbum
de Memórias

SUMÁRIO

04	Introdução
07	A cura deixa um gosto amargo na boca <i>Thalles do Nascimento Castro</i>
10	A dona do vaso chinês <i>Simone Ferreira Leistner</i>
13	Ana <i>Pedro Santos Cruz</i>
16	Temporal <i>Lara de Paula Passos</i>
19	Hoje só volto amanhã <i>Filipi Gradim</i>
22	Liberdade, ainda que doentia <i>Amélia Greier</i>
25	Arte do preparo <i>Verônica Lima</i>
28	O beijo adiado <i>Wesley Ribeiro Dias</i>
30	O fim de tudo <i>Claudio Gonçalves</i>
33	Solidão, hashtags e farinhas aditivadas <i>Felipe Pires de Oliveira</i>
36	Adeus inesperado <i>João Leno Lima</i>
39	Direções opostas <i>Roberto Passeri</i>
41	Me solta <i>Flávio Sanso</i>
43	Fôlego <i>Jonatan Magella</i>
46	Doença de coveiro <i>Raphael Carmesin</i>

INTRODUÇÃO

Em agosto de 2019 nascia a empresa **Álbum de Memórias**, especializada em *ghostwriting* (escrita sob demanda) para histórias reais e biográficas. Integrando técnicas de Literatura e Jornalismo, transformamos a história de vida de nossos clientes em um livro de prosa envolvente e cativante. Assim, sonhos, decepções, viagens, conquistas, tristezas, amores, vitórias, são elementos da vida de pessoas reais que perpassam o trabalho jornalístico-literário do Álbum de Memórias.

Com o passar dos meses, em adicional ao propósito da empresa, começamos a ser procurados também por autores buscando publicar o próprio material. Éramos vistos como editora. A princípio ficamos na dúvida, mas depois analisamos os casos individualmente e começamos a projetar esse novo objetivo: publicar livros. Além do trabalho de *ghostwriting*, agora temos nosso selo literário homônimo. Mas não nos contentamos apenas em publicar – fazemos mais do que isso.

Publicar nada mais é do que o fim de um longo processo, e por isso oferecemos um serviço para cada etapa de produção do livro. Quando o autor tem apenas a primeira versão do seu texto, trabalhamos com a leitura crítica, que é uma leitura aprofundada da história, com sugestões e comentários no sentido de enriquecê-la. Na etapa seguinte, fazemos a revisão e preparação do texto literário (também conhecido como copidesque); além da diagramação, capa e serviços bibliográficos (ISBN e registro da obra). Posteriormente, vem a publicação – o momento de pegar o livro no colo. Também podemos atuar na divulgação da obra e do evento de lançamento.

Contudo, em paralelo à nova empreitada, veio o imponderável.

Em dezembro de 2019, é descoberto na China um novo Coronavírus que transmite uma doença infecciosa de rápida propagação. O contágio é feito quando alguém infectado tosse, espirra ou exala, próximo às outras. Para piorar, as pessoas podem transmitir o Covid-19 mesmo não manifestando os sintomas da doença. Essa incógnita fatal e a carência de testes e informações precisas e urgentes sobre a enfermidade, aliadas às facilidades de trânsito em um mundo globalizado, contribuem para que o Coronavírus se espalhe pelo planeta.

Depois da China, outros países da Ásia e Europa começam a relatar o inimigo invisível e enfrentamos uma realidade impensável: nações chegando à casa de mil mortes diárias e colapsos de sistemas de saúde. Pouco mais de dois meses depois, em março de 2020, é constatado o primeiro caso no Brasil. Naquele momento, a Organização Mundial da Saúde decreta a Covid-19 uma ameaça global. Em paralelo, a OMS também indica que a solução mais eficaz para frear a pandemia é o isolamento social, ou seja, quem não trabalha em serviços essenciais deve ficar em casa para evitar a disseminação do vírus.

Desde então, os brasileiros e a população mundial têm buscado conciliar suas atividades cotidianas com a nova realidade de isolamento.

Mas, como diria o poeta, não há mal que dure para sempre.

Com essa convicção de esperança no amanhã, o Álbum de Memórias resolveu lançar um concurso literário que refletisse sobre esse momento marcante para a humanidade, intitulado **O dia depois de amanhã – A liberdade pós-Coronavírus**. Em apenas duas semanas de inscrições, recebemos 220 contos e começamos um processo cuidadoso de seleção, resultando em 15 contos publicados nesta antologia. Quinze vozes distintas que retratam com originalidade temática e destreza literária a pandemia e a liberdade por vir. Histórias de solidão, sonhos interrompidos, tragédias sociais e íntimas, resiliência, esperança e solidariedade.

Três contos foram considerados os melhores da antologia pela dupla do Álbum de Memórias e, por isso, merecem destaque especial:

- **A cura deixa um gosto amargo na boca**, de Thalles do Nascimento Castro;
- **Doença de coveiro**, de Raphael Carmesin;
- **Solidão, hashtags e farinhas aditivadas**, de Felipe Pires de Oliveira.

Por fim, ficam nossos votos de boa leitura e proteção, que o dia depois de amanhã há de chegar!

Bruno Flores e José Fontenele.

Fundadores do **Álbum de Memórias**

*... **liberdade**; essa palavra
que o sonho humano alimenta,
que não há ninguém que explique
e ninguém que não entenda.*

Cecília Meireles

#01

A CURA DEIXA UM GOSTO AMARGO NA BOCA

*Thalles do Nascimento Castro**

Contra o batente eu me apoiava para ver o corpo, o braço esquerdo que pendia, a mão em concha protegendo algo muito pequeno. Naquele momento, pensei em quando finalmente anunciaram a nova droga, outra e talvez última, com taxa insignificante de efeitos adversos, diziam. Esquecemos todos, alguns mais facilmente do que outros, daqueles anônimos deformados pelos cada vez mais desesperados e intensos testes. Nunca tiveram nomes, aqueles eleitos descartáveis. Doía em mim de algum modo, mas não eram os meus, e ainda que já os tivesse visto espalhados pelas ruas, em menor número com o passar dos meses e com o crescente fracasso dos testes, eu fechava os olhos por instantes, baixava a cabeça e seguia. Aqueles que saíam com vida retomavam sua peregrinação sem destino pela cidade, agonizando longamente em gritos que calavam nossas noites e que nem os cães tinham coragem de replicar. Depois de um tempo, os que voltavam não emitiam qualquer som, apodreciam intocados sob a marquise de alguma loja abandonada. E então a nova droga chegou quando pensávamos que haviam desistido dos testes, porque, afinal, ninguém mais voltava. Tenho para mim que descobriram o caminho direto do laboratório para a vala. Mas tínhamos a “pílula” agora e ela trataria nossos corpos.

Tentei me lembrar de tudo o que vivi até chegar lá naquele dia. Desde quando abri os olhos pela manhã até o exato instante em que meu braço direito se apoiou contra o batente da porta. Não me preocupei ao encontrar os meus na rua, soltos. O vento forte e a luz, as buzinas, os gritos que não se continham. Era tudo vertigem. Os tecidos corriam desbaratados. Ouvíamos uma sinfonia nunca antes vivida de ossos estalando, despertando de longa hibernação. O planeta girava novamente e tonteava a todos, tortos

e cambaleantes eram os passos. A liberdade de um ser terminava apenas na prisão consentida dos braços de outro. Era força assustadora e incontrolável. Uma beleza muito selvagem, daquelas que doem fundo no peito e roubam o ar. Mas os pulmões agora se abriam de novo e depois de novo, respirávamos fundo e sem medo.

Penso que se meu braço não estivesse apoiado contra o batente eu teria caído; minhas pernas tremeram quando vi a pele enrugada daquele seio murcho e inerte, um mamilo grená severo. Meu corpo se acostumava ainda com o novo dia, o primeiro depois de tudo o que agora parece só sonho ruim, distante. Contive, punhos cerrados, a gana do meu corpo em ser novamente corpo respeitando uma dor que não era minha. Cerrei também os olhos e pude ver o meu mais novo, muito bagunceiro. Ele voltava à escola e abraçava seus amiguinhos como gente grande, com a força daquele que aprendeu que distância também machuca e dá febre, deixa o corpo mole que nem maria-mole e mata a alegria de pouco. Aprendeu que grande lonjura dá nó, faz a gente sentir saudade uma conta de vezes e aperta o coração quando começa a lembrar da menina que a gente nem gosta.

Sorri um pouco, mas os músculos não pareciam responder muito bem. O espelho exibía uma face de contornos estranhos, careta grosseira. Na banheira a água escura era mortalha. Uma senhora boa... com os seus, claro, e é o que se espera de todos! A filha era que me desgastava um pouco. Vigiava minhas mãos e boca sempre. “Trocou as luvas? Lembre-se de que deve fazê-lo a cada hora e meia! Dizem duas, mas é melhor prevenir”, soluçando uma risada estranha. Quando as coisas começaram a piorar, resolveu que sabão não era suficiente, e insistiu que eu usasse um pouco de alvejante em minhas mãos assim que chegasse. E logo, quando tudo saiu de qualquer controle ou previsão e os mortos não cabiam mais na terra, não cogitou a hipótese de que eu não viesse mais, mas pediu para que eu não existisse. Eu transitaria apenas nos espaços em que ela e os seus não estivessem. Ordenava como se falasse sozinha, ora gritando, sempre de costas e de outro cômodo, pedia que eu não abrisse a boca e que evitasse o uso dos banheiros. “É por bem, e bastante razoável, que cada um cuide de suas próprias necessidades fisiológicas em suas respectivas propriedades, não concorda?”, cuspia.

Naquele dia, mais tarde, certamente ela insistiria com o médico que todos os seus haviam tomado a pílula e que não fazia sentido a mãe ter morrido por uma doença cuja cura havia sido encontrada. Às vezes tenho a impressão de ter visto algo minúsculo entre os dedos da mão esquerda daquela senhora. Gosto de pensar que morreu por ter se recusado a esquecer, de pensar que ela sabia muito bem que o gosto metálico do

medicamento vinha do sangue de todos aqueles que morreram sabendo que para eles não haveria cura ou liberdade, de imaginar que ela se recusava a lembrar de tudo apenas como uma cena pálida de um sonho muito distante, que ela havia abraçado o risco em memória dos que sofreram mais, dos que se doaram mais.

Levo sempre comigo a pílula que também não tomei. Mas tive mais sorte. Sempre que me sinto trasbordar de felicidade, seguro a pílula na palma da mão e me lembro de tudo o que aconteceu, de tudo o que vi e ouvi durante a quarentena, e sigo adiante. Faço exatamente o mesmo quando é grande a tristeza que me invade.

**Thalles do Nascimento Castro é formado em História e mestre em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Escreve contos desde 2019.*

A DONA DO VASO CHINÊS

*Simone Ferreira Leistner**

Dona Zeli era a pioneira em trabalhar com antiquários na cidade de Porto Alegre, ao menos era a história que toda a família contava e recontava, em cada reunião, virando uma espécie de anedota entre nós, os mais jovens. Verdade ou não, vovó era uma mulher incrível, que nos fazia sonhar ao dar vida a cada personagem ligado aos objetos singulares da loja. Com voz mansa, olhar irresistível, e seu jeito de falar com o corpo todo, envolvia não só a gente, como também cada novo cliente que ela fazia questão de cativar e manter fiel, como somente ela sabia fazer.

Trabalhava no ramo de antiguidades há anos, e mesmo agora, passando dos 80, fazia questão de abrir a loja todos os dias, desobedecendo qualquer recomendação médica. Sua lucidez falhava um pouco, e a memória recente parecia se esvaír entre tantas boas lembranças do passado, trocando nomes, fazendo confusão entre quem era quem, e até mesmo afirmando de tempos em tempos que o vovô havia saído a pouco para buscar uma estatueta raríssima da Turquia, um livro de edição única vindo da Alemanha, ou ainda o esperando com sua sobremesa favorita para depois do almoço.

Memória é algo difícil de compreender, seus caminhos por entre nossas conexões neurais. Os labirintos da sua perda então, são ainda mais misteriosos. E Zeli, ou Dona Prenda, como era conhecida entre seus amigos, clientes e os que a amavam, esmaecia feito fotografia antiga. Mas ela não aceitava os fatos, aliás, meu irmão mais velho, que conviveu bem com vovó, declarava ser mais um problema de aceitação da realidade. Como se viver entre a história tivesse impregnado tanto as retinas dela e entrado em seus poros até correr pela corrente sanguínea, bloqueando seu senso em diferenciar acontecido do não acontecimento.

Quando começamos a acompanhar as notícias sobre o Covid-19, não pensamos, como a maioria dos brasileiros, que esse vírus realmente se espalharia com tamanha fúria, transformando-se em um inimigo tão próximo de casa. Pois antes que invadisse nosso quintal, nos reunimos a pensar, quem ficará com a vovó? Ela não poderia ficar sozinha, mas também não poderíamos fazer revezamento, seria um entra e sai perigoso demais. Então decidimos; eu permaneceria ao lado dela nesse momento.

De modo algum imaginava como seria difícil manter a Dona Zeli dentro de casa, levando em consideração sua astuta maneira de ludibriar meus olhos e fugir. Nos primeiros dias ela se comportou, ficando até bem alegre com a possibilidade de lermos juntas, assistir a alguns filmes, tomar chá. Isso na primeira semana, porque depois, bolsa a tiracolo, bengalinha à mão, toda elegante ia ela à porta, em variadas horas do dia. Tirando suas anotações para eu ver, mostrou-me indignada que havia um item muito importante que ainda não havia chegado, entregando-me uma anotação com um código postal, pedindo que eu conferisse se haviam enviado, afinal não a deixava ir até a agência dos Correios.

Não consegui conferir pelo site, então ela me fez ligar para todas as agências da cidade, pois tinha certeza de que estaria em alguma. Ao menos isso a distraía de sair, enquanto meus dias eram preenchidos com essa busca incessante por um pedido que eu começava a acreditar não existir. Brava, ela apontou que estaria na sua agenda que fica no antiquário, e precisava pegar, para saber o número de telefone de seu cliente e avisar sobre o atraso. No entanto, com a passagem dos dias, o número de pessoas contaminadas aumentando, as medidas da quarentena endurecendo, agora mesmo que eu não poderia sair.

Quando dei por mim, nem sabia ao certo o que eu procurava, e ironias à parte, o pedido era justamente um belo vaso chinês, que ela descreveu nos mínimos detalhes, de porcelana do século XVIII, criado para o imperador Qianlong, com traços únicos e a delicadeza própria da arte oriental. Estava destinado a um jovem que vivia no centro da cidade e fazia muitos negócios, segundo ela. O problema era: eu não conseguia rastrear o tal número, nem encontrar via telefonema, e sair de casa não estava nos planos.

A quarentena findou, sobrevivi à vovó, porém o vaso não chegou. Vasculhamos todos os documentos da loja, e os dias foram passando. Todos festejando e reencontrando amigos e familiares, a vida voltando devagarzinho ao lugar. Não obstante por um detalhe; Dona Zeli não dormia mais, pensando no vaso chinês, buscando onde

teria colocado o contato do rapaz. Tinha pesadelos sobre onde ele estaria, e sua mente fazia toda espécie de conjectura.

Perdeu-se em devaneios, culpando o governo, os comunistas, as empresas de entrega, os vizinhos, a mim.

A liberdade para ela não veio, ficou presa no espaço-tempo do isolamento; não quis mais sair de casa, teve medo de algo que não tinha nome, nem cara, ou mesmo forma. Dona Prenda, dolorosamente, não era mais a mesma. Ninguém era o mesmo após essa quarentena.

Isso não foi para a estatística, isso não foi parar no jornal. Triste.

Foi um vírus que invadiu sua mente.

**Simone Ferreira Leistner é mediadora de leituras, envolvida pelas Narrativas em todas suas expressões. Licenciada em Letras, especialista em Saúde Pública, trabalha na área de saúde mental. É pesquisadora das "Narrativas em Saúde", que, por meio da palavra, busca espaço de expressão, liberdade de pensamento e cuidado com o outro.*

ANA

*Pedro Santos Cruz**

Agora só faltava que lhe trocassem os pés pela cabeça, ou os miolos pela massa de gazes que a enfiavam goela abaixo e puxavam de volta para cima a cada par de horas, quando, no fundo, tudo o que ela queria era que parasse aquele bip-bip insuportável do aparelho pregado à porta. Como havia se metido naquilo se só tinha quinze anos recém completos? A vida era tão injusta assim, afinal? Ontem mesmo comia os bem-casados e experimentava o champanhe (“só as borbulhas, minha filha!”, gritava o Desembargador da sua mesa), e dançava com Fabiano (sentiu o seu corpo tão colado ao dele que perdera o ar). Ontem mesmo!, pensou.

Tudo tinha sido tão perfeito! A melhor festa da nossa geração, reconhecera até aquela invejosa da Carmen. E agora, como se fosse uma ninguém, uma indigente qualquer, a tinham largado no esquecimento, no meio daquela sala com cheiro de éter e ruídos de morte. O Desembargador tá esperando o que pra me tirar dessa antessala de cova comum?, pensou, inquieta. Haviam-na colocado em uma maca muito estreita, cujas bordas frias de metal roçavam seus braços e a faziam acordar no meio da madrugada. Se ainda fosse a sua filha predileta, certamente estaria num quarto decente, de doente que importa e que tem chances de sobreviver; sem esses barulhos de rato, e sem essa gente tossindo e escarrando à volta.

Havia perdido as contas da última vez que abrira os olhos. Cheguei na quarta-feira passada, refletiu, lembrando-se de um túnel metálico e ovalado, com aspecto de entranhas de inseto, onde tinham-na colocado nos primeiros momentos. Ou será que isso tinha acontecido durante os exames da Ana?, hesitou... Foi nos exames, porque esse tubo era muito diferente... e já fazia tanto tempo. Naquela época, não a haviam colocado

dentro do aparelho. Ficava sentada ao lado, enquanto era a pobre da Ana quem metiam no tubo. Por isso se lembrava tão bem das ondulações e daquelas luzes que surgiam enquanto se ajeitava na cadeira de vime, revirando as páginas de uma revista qualquer sobre o colo. Era isso o bip-bip, então! Foi o aparelho de ressonância, determinou.

Álvaro disse que não se incomodava em acompanhar as sessões, desde que ficasse na sala de espera, porque o barulho da ressonância o deixava louco e com enxaqueca no fim do dia... Ele sempre me achou muito idiota mesmo. Era tão óbvio que a dor não tinha nada a ver com o exame. Ou ele acha que eu não sei que voltou a fumar? Ela sabia que ele estava fumando porque o cheiro ficava impregnado na manga do jaleco pendurado na entrada de casa, que ela cheirava quando Álvaro ia dormir. E anda bebendo também! Se não, as garrafas de uísque tão desaparecendo do aparador por obra da divina providência! É claro que ele leva tudo pro hospital pra beber com os colegas... com aquelas secretárias... Desde que haviam se casado era sempre o mesmo problema, as mesmas idas e vindas com o álcool e o cigarro. E o desgraçado ainda quer botar a culpa na doença da menina... E quem tem culpa de ficar doente nesse mundo?, indignou-se.

Virou-se para o lado. Que dia é hoje?, perguntou a Ana. Do chão, a menina olhava-a com aqueles vivos olhos cor de amêndoa, agarrada à sua perna com as duas mãos e espremendo-se com toda a força. Ela fitou-a de cima da cadeira de balanço, enquanto se embalava devagar.

Era nessas horas que seu peito mais doía de saudade. Das frinchas no janelão do quarto, a luz oblíqua do começo da manhã entrava em enxurradas, cálida e agradável como a presença de Deus. Ficou feliz por poder passar as mãos nos cabelos da menina; eram tão macios, e seus olhos eram tão grandes e expressivos. Ana não dizia nada. Olhava-a de volta e, com um brilho renitente, respondia em silêncio às suas perguntas. De súbito, ela tirou a mão da cabeça da garota, vendo os tufo grossos que se desprendiam do couro cabeludo e se espargiam pelo chão com angústia.

Um novo solavanco a deteve; agora ela se afogava novamente. Como nos outros dias, havia algo de tão estranho e recorrente, como se houvesse tomado toda a água de um rio e a água tivesse ficado presa no seu corpo, sem poder sair, esmagando-lhe as costelas e afogando-lhe o peito. Sentiu que a crise não era como as anteriores. Aquelas haviam sido mais leves, algo que esmorecia com o tempo, mas agora parecia que o teto inteiro da sala desmoronara em cima da sua maca. Todo o cimento, todo o reboco estavam jogados sobre o corpo dela; tornava-se impossível respirar. Com muito esforço,

conseguiu ver os riscos fosforescentes do entorno; viu homens e mulheres que se movimentavam com pressa, e escutou algumas vozes que engoliam o bip-bip crescente. Todos falavam ao mesmo tempo. Uns berravam, outros se batiam de nervosos. É impossível que se entendam, pensou. Parece que cada um está falando uma língua diferente. Estremeceu, fechando os olhos novamente.

Uma lágrima parou sobre uma ruga profunda do seu rosto. A que horas vem me buscar o Desembargador?, perguntou a Carmen. Ele ficou bêbado na sua festa e não virá, respondeu a invejosa. Ah, é que ele e o Álvaro sempre se deram tão mal... O melhor era o Fabiano. Esse não bebia nunca, disse enquanto espremia as mãos frias de Ana, que a mirava da borda da maca com aqueles olhos que tudo sabem. Sorriu para Ana pela última vez, um sorriso cheio de dor e resignação. O único que me deixa feliz, disse por fim à menina, é como você ainda manteve todos esses seus lindos cabelos.

**Pedro Santos Cruz nasceu no Rio de Janeiro, estudou direito na PUC-RJ e fez mestrado em direito na Universidade de Nova Iorque. Atualmente, vive na Cidade do México, trabalha como advogado e tradutor de português, inglês e espanhol.*

TEMPORAL

*Lara de Paula Passos**

Achei que ia chover, mas não chove. Disseram que choveria. Ao imaginar esse momento, sempre via chuva. Algo em mim encara a limpeza vinda da água como se o céu expurgasse da terra qualquer impureza que ainda restasse. Esfrego os olhos para ter certeza de que realmente nenhuma gota sairia – nem dentro nem fora – e abro a porta. É muito estranho sobrepor a realidade à memória. Com o tempo, as imagens de fora ficaram cada vez mais distantes, embaçadas, opacas. Como se aumentasse meus graus e me faltassem os óculos. Passei a tentar criar âncoras, imagens que representassem o todo. A praça virou primeiro o banco do lado da roseira do canteiro central. Depois, foi aos poucos se tornando apenas a roseira do canteiro central, até que, por fim, resumiu-se a uma rosa. Rosinha daquelas bem vagabundas que brotam em qualquer pedaço de chão, com as pétalas cor-de-rosa claras em formato de coração que atraíam as abelhas e os jovens interessados em obter respostas a partir de um bem-me-quer mal-me-quer.

Caminho durante um tempo e, enquanto desço a rua, me questiono: aqui sempre teve essa casa? Não lembrava de muro tão alto. Era essa mesma a cor do asfalto? Vez ou outra encontro alguém e aceno com a cabeça, com aquele olhar cúmplice de alívio e alegria, uma saudação de boas-vindas ao mundo de fora. Viro a esquina, chego ao ponto, pego o ônibus. Está quase vazio; mesmo assim, as pessoas escolhem sentar lado a lado em vez de nas cadeiras mais distantes. Passo pela roleta e hesito por um instante. Observo o momento. Proximidade ou isolamento? Opto pelo aconchego, ainda que moderado, na companhia de uma desconhecida ao meu lado. A moça carrega apenas algumas frutas. Não precisa mais comprar um tanto de uma vez. Olha a janela e sorri, balançando os pés no ritmo da música do rádio do trocador. Sorri para a janela e para o

mundo fora dela. Às vezes acena com a mão livre para pessoas que, tenho a impressão, não a conhecem, mas acenam de volta com igual entusiasmo.

Estampadas nos rostos de todos, as marcas das cicatrizes do tempo. Na rua, os escombros do passado recente, que de tão latente ainda não nos assombra, pois nos acompanha, mais como um vigia do que como um fantasma.

Passo do meu ponto de propósito para poder admirar a cidade. Incrível como depois de tudo essa linha continua a fazer o mesmo caminho, quase como dizendo que algumas coisas permanecem, mesmo no mundo mudado. Vão descendo um a um os outros passageiros. Vez ou outra alguém grita ao motorista por não ter percebido seu sinal, até que sobramos só eu e ele, ao final do trajeto. Ele pausa por vinte minutos antes de dar a partida da viagem de volta. Sempre gostei dessa parada. Antes de tudo, quando era outro o mundo, costumava fingir ter dormido para não precisar dar explicação, até que, com a frequência, os motoristas foram se acostumando com meu estranho hábito. Dessa vez, mesmo depois de tanto, não preciso me esforçar.

Desligado o motor, meu ilustre companheiro pula a catraca, senta-se num dos vários bancos livres de trás e não se incomoda com a minha presença para iniciar sua soneca.

Enquanto isso, passo o tempo observando a cidade do alto com seus paralelepípedos e ruas emaranhadas. Forma-se aos poucos uma fila do lado de fora e, dado o horário, retomamos a via. Eu sei que devo descer no ponto sete. O céu claro reflete nos vidros das janelas abertas. Um. Dois. Três. Quatro. Cinco. Seis. Dou sinal e... sete. Desço sem pressa e olho para trás para ver o ônibus seguir sua trilha. Aprumo, caminho. Será que ainda lembro direito o destino? É nessa rua que sobe? É nessa rua que vira? Acho que na outra era mais perto, mas quem sabe dá certo ainda e... É aqui. Lembro como se fosse o último dia. Tudo igual, mas diferente. Hoje tem pipa, pipoqueiro, criancinha. Antes também tinha. Me pergunto:

— Quanto tempo é muito tempo, se algumas coisas (r)existem ainda?

E, lá no meio, a roseira. Era mixuruca, miudinha, e agora toma quase todo o canteiro, como toda boa planta sem-vergonha que cresce bem mais quando ninguém está vendo.

Quase coberto, o banco de concreto. Abro caminho entre os espinhos e espero. A ansiedade me alcança, não nego, mas além de cicatrizes e escombros, esse tempo nos deu paciência, e para quem espera tanto, os minutos são quase como gotículas.

Gotas de água fina começam a cair do céu. Instintivamente, olho para cima. Minha vista é bloqueada por um guarda-chuva familiar. Encontro o olhar e é difícil saber onde mais água corria, do céu ou da face minha. Sorrio, aprumo. Recebo o toque que vem feito veludo e respiro em alívio. Sabia que choveria.

**Lara de Paula Passos nasceu em 1995, em Minas Gerais. Setelagoana feita de água da beira ao fundo. Mulher preta acadêmica pós-graduada pela UFMG, taurina e filha de Oxum. Arqueóloga nas horas vagas, poeta em tempo integral. Buscando caminhos de cura ancestral com a junção de escrevivência e viverciência a partir da arqueopoesia.*

HOJE SÓ VOLTO AMANHÃ

*Filipi Gradim**

*

Perdi a conta dos caça-palavras zerados. Angustiava-me tanto que não me reconhecia mais. A maquinaria sufocante dos dias. Monocromia inesgotável. Marlúcia lavando as mãos com detergente pela décima vez, esfregando com força, e o dia mal havia começado. Os moleques, na estreiteza da sala, disputavam o *Playstation*. Cleiton e Cléber, aos berros, ocupando o apertado sofá, amassando Lavínia, que ajeitava o cabelo roxo recém-pintado para a *selfie*. Marlúcia, outras dez vezes lavou as mãos, para nada. Papai, deitado no quarto, de frente ao televisor, gritou: “a quarentena acabou, gente!” Calcei o sapato. Pus a carteira no bolso. Bati a porta e saí. “Beto!”, chamou Marlúcia. Nem olhei.

**

Acendi o cigarro. Em casa, fumava na varanda. Mas baforar na rua é liberdade. Tomei o ônibus e saltei na Praça Mauá. O bar do Sujinho estava lá, à minha espera. Adalto, ao me ver, me apertou contra o peito, num abraço que durou o tempo da saudade. Dona Leila sorriu de dentro: “Mandeí queimar a carne, meu velho!” Senti o odor da alegria. Freguês assíduo do Sujinho, eu tinha minhas credenciais. Buiú, o bêbado mais boa gente do cais do porto, fez sinal e me chamou pra tomar uma. Confessou que bebeu quarenta cervejas durante a quarentena. Acreditei. Brindamos.

“Essa vai pro santo”. Derramei a porção do líquido dourado no chão imundo da Rua Acre. Bebemos sem parar.

No *jukebox* selecionei Almir Guineto. Há meses não ouvia meus pagodes sossegado. Torrei a paciência com Marlúcia reclamando da alta dos preços no mercado, com a gritaria das crianças, com a futilidade de minha filha, com os sertanejos ao vivo na televisão de LCD. Carecia ver meu povo preto sambista. Lá pelas tantas, Buiú se empolgou e encontrou um pescoço pra cafungar. Neiva, a loura do churros, puxou-o pra se esfregar no forró. Depois de lotar a mesa com garrafas, eu tava altinho, rindo à toa, trocando pernas. Sinalizei Adalto. Botei na conta. Dei uma mijada demorada. Cheio de intimidade, dei um cheiro na dona Leila, agradecendo, e meti o pé.

Caminhei sem destino durante um tempo que nem soube medir. Da Mauá fui à Candelária. Parei em frente à igreja. Mirei os pivetes brincando no chafariz. Pela Vargas segui até a Central, no mesmo movimento do pôr-do-sol. Na Uruguaiana, tropecei num tijolo. Deixei cair o cigarro que vinha colado na orelha. Quando baixei pra pegar, sentei-me, cansado. Ao meu lado, um morador de rua, comendo um cachorro-quente, com uma alegria infantil. Aquilo me contagiou. “Vai um pedaço aí, coroa?” Aceitei. Dividimos o “podrão” como se aquela fosse a maior e mais digna das refeições. A rua fervia de gente. Dei um abraço no rapaz e o presenteei com um pacote de cigarros. Seu olho brilhou.

Segui vagando. Não imaginei que a vida sem destino fosse uma vida feliz. Sentia-me leve e sem esperança de voltar para casa e recomeçar o que nunca foi meu.

Desabotoei a camisa. Apesar de ser noite, fazia calor. Na Primeiro de Março, parei pra mijar, ao lado de uma banca de jornal. Um grupo de mulheres passou de carro rindo e cantando. Viram-me e fizeram graça, lançando beijos no ar, acenando com lenços. Como não aguento ver um rabo de saia, corri até o carro. Uma delas me puxou: “entra, bebê”. O carro seguiu velozmente, com música alta, lança-perfumes e doses de uísque. Quando me dei conta estava em Copacabana. Kelly, a mais assanhada, se agarrou em mim, alisando os pelos grisalhos. Abriu um pote de *glitter* e despejou o brilho em meu peito descoberto. Em seguida, tascou-me um beijo quente: “tenho tesão por coroas!” Descemos do carro. Kelly me arrastou pra areia. Tirou o salto. Enrolou-se na sua echarpe rosa. Era uma mulher fina. Sentamos. Seduzia-me com seu perfume caro, roçando os seios durinhos no meu braço. Enlouqueci. Não aguentei e beijei-a. Por baixo do vestido de seda, deslizei as mãos, até que não pude mais. Fui bloqueado. “Tu é homem!” “Tra-ves-ti, viado!” “Não importa! É cheirosa” “Vai devagar” “Não quer?” “200 reais, filhote!”. Ali, imerso na imensidão da areia branca da Princesinha do Mar, não me fiz de rogado. Penetrei em Kelly feito um cavalo em chamas. “Beto, seu puto!” Três meses sem transar. Marlúcia só tinha gozo com álcool em gel, só se satisfazia com a paranoia da higiene. E eu, na seca, desesperado de amor. Ejaculei na echarpe, conforme o desejo de Kelly. Esvaziei minha aposentadoria pagando pelo serviço. Kelly me manchou de batom, dobrou a echarpe suja de sêmen e partiu. Caminhei pela praia, guiado pela luz das estrelas, sentindo a juventude que retornava depois de anos perdidos, de semanas de confinamento. Decidi calar e vagar, sem freio, sem dinheiro, sem notícias do mundo. Quarenta dias longe de casa. Em silêncio completo, ouvindo apenas o rumor caduco dos meus sonhos.

**Filipi Gradim é natural do Rio de Janeiro. Doutor em Filosofia e Escritor. Publicou dois livros de compilações narrativas, “El Hombre creó a Dios” (2019), lançado no Chile pela Reacia Edicciones, e “A música que me faz...” (2019), pela Andross Editora (SP). Publicou dois livros de Filosofia e Arte, “Sambo, logo penso” (2014), pela Hexis Editora, e “Filosofia e (An)Danças” (2016), pela 7letras.*

LIBERDADE, AINDA QUE DOENTIA

*Amélia Greier**

“Amanhã é o fim da quarentena”, anunciou a voz no noticiário da TV, pouco antes de ser silenciada pelo controle remoto. A notícia era boa, entretanto, ninguém estava interessado em ouvi-la. Há mais de quarenta dias que o jantar acontecia sem o som das desconhecidas vozes televisivas. Havia em nós uma espécie de consenso silencioso de que as realidades fragmentadas que chegavam pelos meios de comunicação não se encaixavam mais no enorme quebra-cabeça que enfrentamos durante a pandemia. Nem mesmo a novela despertava interesse. O que era, afinal, a ficção, perto de toda aquela realidade terrível? Não havia como competir. Qualquer dramaturgia, perto do teatro de horrores que vivemos, parecia brincadeira. Era uma inversão, como se, de repente, alguém tornasse a ficção mais absurda em realidade, e a antiga realidade, uma ficção inatingível. Não sei dizer quando aconteceu exatamente, mas a quarentena trouxe o fim da ficção para todos nós, e um novo mundo começou a surgir naquela casa. Um mundo que, antes, só existia nos filmes de famílias perfeitas e nas novelas de horário nobre. De repente, começamos a comer ao som dos talheres batendo contra a louça e das histórias repetidas de mamãe. Papai conseguiu elaborar assuntos além de dinheiro e trabalho. Aprendemos a ouvir nossas vozes novamente, a degustar cada palavra com prazer e, vez ou outra, engolir algumas diferenças. Depois de meses sem recebermos nenhum convidado à mesa, conseguimos nos tornar importantes uns para os outros. E a comida? Nunca comemos tão bem. Nunca mais tivemos problemas digestivos. O sabor das refeições foi ficando cada dia melhor. Foram meses sem *fastfood* e sem cozinheira, mas, inexplicavelmente, o gosto foi melhorando à medida que a infecção avançava e o desabastecimento piorava. Hoje, por exemplo, o

feijão da vovó estava divino. Todo mundo elogiou. Não sei se é por que era o último pacote de feijão do mercado, ou se é pelo motivo de sabermos que, a qualquer momento, nós nunca mais poderemos comer o feijão da vovó novamente. Apenas sei que está maravilhoso. Pensando bem, talvez esses jantares nos tornaram pessoas melhores. “A gente é o que come”, vovó sempre diz. Certamente nos tornamos novas pessoas quando começamos a jantar juntos todos os dias, sem discutir nem engolir ficções e ilusões.

“Amanhã acaba a quarentena”, anunciou o televisor do vizinho, sempre tão alto. A notícia, recebida involuntariamente, deixou todos tensos. A quarentena fez tanta coisa mudar que hoje a antiga liberdade parecia uma prisão. Mesmo apreensivos, jantamos bem e logo começamos a lavar a louça. O trabalho doméstico, que antes era só da Cleide, tornou-se o trabalho de todos nós. Não fazíamos em uma semana o que a Cleide fazia tão bem todos os dias. Mesmo sendo árduo, havia deleite em fazer tarefas em grupo, todos em comunhão com o mesmo fim, como uma família de verdade. As roupas nunca mais ficaram tão brancas quanto antes, mas finalmente lavamos toda a roupa suja entre nós. Hoje vestimos um coração limpo, sem ressentimentos nem empecilhos que nos impeçam de funcionar como uma família. A casa nunca mais ficou tão organizada, mas esta nova ordem familiar é bem mais aconchegante. E a interminável louça nunca mais se acumulou na pia; tão logo se esvaziava na mesa, já era encaminhada para a lavagem, passando por várias mãos, de geração para geração, recebida, separada, lavada, tudo feito com muita cumplicidade. E todo esse trabalho se tornou prazeroso. É divertido estarmos juntos. De alguma forma, aprendemos a ser felizes sem remédios, desenvolvendo uma enorme química entre nós.

Depois dos afazeres, fomos para a varanda. Tomamos nossos lugares nas cadeiras decorativas que nunca havíamos usado. “Amanhã acaba a quarentena”, anunciou um carro de som que andava pela rua. Novamente ficamos nervosos, cada um pensando em seu fardo rotineiro. Que liberdade estranha nós tínhamos antes. Tão estranha que, só de pensar nela, nos sentíamos presos. O escritório, a faculdade, a multinacional, a terceira idade do clube, a sociedade, o mundo. O trânsito, as contas, as obrigações. Melancolias, mercadorias, os sapos a engolir. A tal liberdade tinha faces tão medíocres! Para disfarçar o desespero coletivo, papai nos convidou a admirar o céu. Ele disse que sempre quis ser astronauta. Engraçado, eu também. Não sei em que curva da vida colocamos os pés no chão e esquecemos de nossos sonhos. Só sei que foi na curva de contágio, disparada para cima, que reaprendemos a sonhar. Paramos de olhar para

frente, com os antolhos do mundo nos olhos, e começamos a olhar para o céu todas as noites. Naquela não foi diferente, começamos a falar dos astronautas que seríamos, da imensidão que nos fazia tão pequenos. Quando a observação começava, mamãe logo aparecia com a enciclopédia da época em que estudava. Iniciava, então, uma jornada interminável de tentar achar explicações nos livros sobre tudo aquilo que os olhos experimentavam no céu. Impossível. Curioso, quando andávamos com o mundo na palma das mãos, com verdades e conhecimentos brotando da tela de um celular, parecíamos tão grandes, tão sábios. Com um aplicativo astronômico, eu pensava que sabia tanto sobre estrelas. Hoje, só sei que nada sei. Desarmada de tecnologia, comecei a me sentir mais verdadeira. Com o passar das horas, aos poucos, o entusiasmo com o céu ia cessando. Sem o peso do estresse, aprendemos a dormir sem remédios, e o sono aparecia naturalmente, relaxando nossos corpos.

“São dez horas. Amanhã acaba a quarentena”, anunciou o rádio relógio de vovó quando ela preparou o despertador para o dia seguinte. É desanimador pensar que, em poucas horas, eu estarei presa novamente em minha liberdade anterior. Quando a hora de dormir chegou, nos despedimos com um grande abraço. Tristes, sabíamos, no fundo, que a liberdade que enfim chegara seria mais mortal do que o confinamento. Ela mataria aos poucos toda a essência e sabedoria que conquistamos. Iria adoecer severamente a nossa vida familiar, contaminar nossas relações e nos isolar. Nos confinaria novamente àquela versão reificada e medíocre de nós mesmos. Sufocaria nossos sonhos em nome da rotina, do mercado, do dinheiro. “É o fim da quarentena, vencemos a doença!”, comemorou o rádio relógio. Nós, porém, não comemoramos. Apenas suspiramos e nos dirigimos a nossos aposentos. Vencemos a terrível doença. E amanhã voltaremos a ser livres... para adoecer novamente.

**Amélia Greier é o pseudônimo da escritora paulistana Carolina Frutuoso. Eventualmente publica seus textos na revista literária digital Literomancia e nas edições impressas do coletivo literário feminista Mulherio das Letras. Como autora, já foi premiada pela Academia Feminina Mineira de Letras e em duas edições do concurso Pérolas da Literatura.*

ARTE DO PREPARO

*Verônica Lima**

Cheguei, sentei, pedi um café. Depois que as horas voltaram a ter o tempo que o tempo tem, ir até a padaria tem outro gosto. Isso me passou pela cabeça porque um cheiro doce de sonho me despertou para o horário: fazia tempo que eu não presenciava a fornada dos quitutes saindo. Aquilo me comovia porque me lembrava as tardes adolescentes com minha irmã, nas quais, vez ou outra, preparávamos bolos singelos, enquanto fantasiávamos o mundo onde teríamos todos os utensílios e ingredientes das cozinhas daqueles programas de culinária, cujas apresentadoras adoravam arrastar o tempo entre receitas com propagandas de coisas desnecessárias e comentários sobre quase tudo (e o nada). Preenchiam assim a cadência vespertina. Era um bom tempo.

Nos últimos anos eu vinha compulsoriamente reocupando o território da cozinha, o que me afastara das idas recorrentes à padaria. Reinstalada naquele espaço, o qual fui criada para dominar, as lembranças daqueles ensinamentos despresticiosos, jogados como pequenas pitadas de sal, voltavam como um aroma distante, mas muito familiar. Como um gosto que a gente reconhece, mas não sabe nomear.

Quando crianças, eu e minha irmã ganhávamos aventais fofos para “ajudar na cozinha”, porque “menina tinha que saber desde cedo”. Depois, com os bolos singelos, e os testes das receitas da televisão, vinham os “elogios”: “nossa, que delícia, já pode casar”. Que raiva! Que raiva que eu sentia. Esse sentimento eu não sabia nomear naquele momento passado, mas ter que voltar à cozinha por causa da quarentena me fez identificar: foi raiva o que eu desenvolvi primeiro. Não necessariamente da cozinha ou da comida, mas daquilo que tal território representava para as pessoas à minha volta. Eu gostava de agradar quem eu amava através de quitutes, mas não para reforçar uma regra

imposta. E assim fui me afastando da cozinha sempre que podia, me rendendo ao *fastfood* e aos pré-prontos. Minha rebeldia possível diante do que para mim era uma regra idiota; mas, na verdade, era medo de cair no modelo de destino que estavam preparando para mim, a despeito de quem eu era, e quem buscava ser.

Naquele tempo, tinha certeza que não ia casar. Eu tinha muitas certezas, aliás. A vida durante muito tempo foi uma sucessão de certezas desfeitas. E, desfazendo certezas, ia criando a minha vida possível, sem receitas de bolo a seguir. O despedaçar das minhas certezas foi só preparação para o mundo que viria e que agora experimentava: o mundo em que a impermanência das coisas se impusera de forma concreta à vida. Os ciclos de confinamento e sociabilidade se alternavam, e todos tinham como desafio se adaptar a cada época da melhor maneira possível, compartilhando experiências e saberes. E, sim, era também um tempo bom.

Agradei em pensamento a demora do café que me permitiu tantas reflexões e lembranças. E ri daquela menina que eu fui, que nem imaginava o que viveria, e que era estranhamente rebelde para alguém criada no interior e que cantava na igreja. Quase não percebi quando o moço chegou para servir: só acordei com a imponência do aroma que tanto amo, naquela xícara que há tanto tempo não via.

O moço sorriu debaixo da máscara de proteção, e eu sorri de volta emendando com um agradecimento. Ele devolveu mais sorrisos e uma expressão curiosa, quase de uma reprovação admirada. Eu, cada vez mais apaixonada por gentes e palavrações, quis saber, diretamente simpática: – Algum problema?

– Achei diferente, a senhora assim sozinha. E estamos ainda saindo da quarentena... sei lá, a senhora rindo. A senhora não tem medo?

Medo. Por tanto tempo essa palavra foi como um super-herói pra mim. Nele me refugiava, me justificava, me escondia, me iludia. Eu fui, tanto tempo, no medo. Ele me afastou daquela menina rebelde, que precisou de uma quarentena para descobrir que não precisava ter fugido da cozinha com medo de casamento. Foi o medo que me escondeu do poder que eu mesma tinha para inventar um entendimento só meu do que seria “se casar”. Foi preciso um vírus e um cenário de confinamento distópico para eu entender, de uma vez por todas, que poderia ocupar qualquer território da minha própria vida sem precisar seguir modelos impostos. Nunca me sentira tão livre.

Expliquei que estava muito feliz em tomar meu cafezinho depois de meses sem ir à padaria; expliquei que eu e meu companheiro nos revezávamos nos dias de saída pós-quarentena, para voltarmos aos poucos ao convívio. E quanto ao medo, apenas

respon-di: – Eu sempre circulo livremente por qualquer território, seja por meses apenas dentro da minha casa, ou numa metrópole inteira. E isso aprendi na cozinha: quando preparamos uma boa comida para ser saboreada, ou mesmo um cafezinho, às vezes temos que substituir ingredientes, adaptar processos e até mesmo lidar com o fracasso total de última hora. Nesses recolhimentos periódicos que agora fazem parte da nossa vida, eu venho dominando a arte do preparo.

Ele silenciou num sorriso e eu terminei meu café ouvindo dentro de mim o ressoar das minhas próprias palavras.

Liberdade é não ter medo.

**Verônica Lima é escritora e jornalista. Tem graduação e mestrado pela Unesp (Universidade Estadual Paulista) e é atualmente doutoranda na UFF (Universidade Federal Fluminense). Mas sua formação vem também das pessoas; das histórias; dos poemas e das músicas. É praticante de Yoga e Thetahealing.*

O BEIJO ADIADO

*Wesley Ribeiro Dias**

Fernandinho mora na cidade de Santa Quitéria, no interior do agreste cearense. Em seu povoado, na zona rural do município, há, anualmente, uma grande procissão na qual o povo pede chuva ao padroeiro do Ceará, São José. Essa marcha religiosa acontece no dia 19 de março, mesmo dia que Fernandinho marcara um encontro com Antonieta, ou como ele a chamava, Toinha.

O encontro seria na única sorveteria da cidade, nos festejos após a missa. Para chegarem ao local, os burros já estavam selados. Fernandinho guardou dinheiro por três meses, proveniente dos seus favores ao pessoal da vila, tais como ir à cidade fazer compras e capinar o terreno dos mais idosos.

Toinha comprou um batom vermelhíssimo, parcelou de duas vezes. Comprou também um tecido no armazém do centro para que sua mãe fizesse um vestido florido.

À medida que o calendário virava as páginas, Fernandinho e Toinha quase não dormiam. Ele comprara uma camisa nova, um gel de cabelo para dar aquele trato, e uma dúzia de pastilhas de hortelã para que o beijo fosse refrescante. Estava tudo dando certo, até que o bendito coronavírus chegou ao Ceará, o pior turista que o estado já teve. O governador decretou o fechamento de todo o comércio do Ceará, ressaltados farmácias, supermercados e afins. O beijo de Fernandinho, que estava marcado para o dia 19, foi cancelado no dia 18.

O rapaz bem que tentou marcar o encontro para debaixo do pé de cajá, que fica em frente à casa da sua madrinha; mas a mãe da moça a proibiu de pôr o pé na calçada. Infelizmente, nada de beijo, de abraço nem aperto de mão.

O pior é que na vila Mutambeiras, na cidade de Santa Quitéria, não tinha sinal de internet e ninguém queria servir de garoto de recado no meio do isolamento. O resultado foi que Toinha teve mais tempo para trabalhar no seu vestido. E pagou as parcelas do batom sem tê-lo usado.

E Fernandinho guardou suas pastilhas de hortelã no congelador, atrás do pote de sorvete que guarda feijão, que era para ninguém suspeitar.

Chegou o mês de junho e a quarentena, que separara os dois, acabou. Seu Bento voltou a abrir a padaria. O pároco voltou a abrir a igreja. Dona Raimunda voltou a costurar para fora. Seu José Maria voltou a vender leite de cabra para a cidade de Sobral e Fernandinho sacou suas pastilhas, Toinha tascou batom e foram correndo ao encontro um do outro.

**Wesley Ribeiro Dias tem 23 anos de idade e talvez uns cem de literatura. Aventura-se na poesia e na prosa, com trabalhos publicados nacionalmente. É casado com sua musa inspiradora e cursa administração.*

O FIM DE TUDO

*Claudio Gonçalves**

Era um dia frio. Lembro que garoava lá fora. Apesar disso, as janelas estavam todas abertas. O medo nos manteria vigilantes – e paranoicos – por bastante tempo ainda. Ninguém, entretanto, ligava para chuva que caía dentro do ônibus. Havia uma euforia contida nos rostos de todos que estavam ali. Muitos indo trabalhar, outros voltando para as escolas. A rotina refazendo-se devagar, sorrateira. Eu me sentia bem também. Passei a mão no meu braço, apertei com força, pois queria experimentar mais uma vez a dor da picada. Estava imune. Era como se tivesse cumprido toda a minha pena. Um ônibus cheio de libertos da pandemia. O pior havia passado. Restava a lembrança das coisas vividas e uma saudade ressentida, difícil de suportar às vezes.

A ambulância atrás da gente, ensurdecadora, me fez recordar por um instante das pessoas que continuavam morrendo. Foi difícil não pensar no funcionário do cemitério vindo na minha direção, o olhar crispado, para me dizer que não era possível velar o corpo. Coisa que eu já sabia: o número de mortos esteve especialmente alto naquela semana. Estávamos todos tensos e sem paciência. Disse que era para proteger os funcionários dele.

— Não estou nem aí para os seus funcionários — lembro de ter dito de modo arrogante. — Estão todos vestidos como astronautas, porra. Nenhum deles vai ficar doente.

O homem respirou fundo e, o mais educadamente que pôde, disse que sentia muito.

— Eu também.

Mal consegui ver o caixão do meu avô descer para a sepultura. Não pude me despedir dele do jeito que a gente tinha combinado. Sequer pude vê-lo uma última vez.

Quando criança, esperava ansioso as visitas do velho Alfredo. Subia a rua de casa no seu passo lento, cansado, e ao me ver abria um sorriso largo e afetuoso. Era magro, usava óculos fundo de garrafa e se vestia com ternos puídos, mas sempre impecavelmente limpos. Um sujeito bom, simpático, moderado e muito trabalhador, com o que provavelmente concordariam todos os que o conheciam bem. Mal entrava, pedia café para minha mãe e já ia contando algum dos causos novos; pouco importava se fantasiosos ou não. Nas pausas que estrategicamente fazia, o sacana soltava aqueles peidos estrondosos e todos caíamos na gargalhada. Meu avô era um cara sem noção, puta merda.

Desci no ponto em frente à floricultura. A chuva havia parado e o sol surgia tímido no horizonte. Caminhei quase vinte minutos até chegar ao quadradinho de terra molhada em que agora ele repousava. Era estranho imaginá-lo ali. Depositei as flores no lugar onde acreditava estarem os seus pés.

— Vou dar uma passada lá no Caverna hoje — eu disse com a voz embargada.
— Vou tomar aquela cerveja que o senhor jurou que tomaria comigo quando essa merda toda acabasse.

Fiquei em silêncio por um instante, tentando imaginar qual seria sua resposta. Ele provavelmente se sairia com esta:

— Vamos pegar uma mesa do lado de fora. Estou louco para fumar um cigarrinho. Só não deixa sua mãe saber.

Caverna era o nome de um boteco de esquina que ficava próximo da casa onde meu avô morava com uma de minhas tias. Volta e meia íamos lá tomar cerveja – ou um conhaque – e conversar sobre a vida; o que significava basicamente falar mal dos outros. O velho tinha a língua bastante afiada.

— João, traz uma bem gelada. A mesma de sempre. Dois copos.

O dono do bar, amigo de longa data, olhou para mim e não disse nada. Se dissesse, choraríamos juntos. Voltou-se rapidamente para o interior do bar e sumiu por um tempo para se recompor. Além do copo, trouxe também o velho cinzeiro de madeira chamuscada.

— Saúde — eu disse, levantando meu copo, olhando para o lugar onde meu avô estaria sentado.

— Saúde — o velho responderia.

Acenderíamos cada um o seu cigarro. Fumaríamos em silêncio por algum tempo.

— Sobrevivemos — eu diria.

— Sim. Estamos aqui. Isso é bom.

— Isso é bom.

— Não foi o fim de tudo.

— Não foi. Ainda não.

E beberíamos um gole da cerveja. Estaria bem gelada, seguramente. Ele então daria uma levantadinha de leve na bunda e discretamente... peidaria.

— Velho filho da puta! — eu diria, rindo.

**Claudio Gonçalves estudou Ciências Sociais na USP e Direção Cinematográfica na EICTV, em Cuba. Escreveu e dirigiu os longas-metragens independentes “Loveless”, menção honrosa no Cine Esquema Novo de 2009, e “Foda-se, Meu Amor!”. Escreveu, dirigiu e editou curtas e videoclipes. Seu documentário “El Estado de La Fabrica” foi vencedor de prêmios em Cuba. Foi coordenador e professor de direção e edição na AIC. Atualmente se dedica à produção de minidocumentários.*

SOLIDÃO, HASHTAGS E FARINHAS ADITIVADAS

*Felipe Pires de Oliveira**

I

Às sete horas da manhã, o relógio desperta. É Ana quem desliga o celular. Minutos depois o meu começa a apitar. Desligo. Levanto. Ana escova os dentes, eu dou uma mijada. Ela vai para a rotina de yoga matinal, eu continuo no banheiro. Essas aulas são Lives transmitidas diariamente de um estúdio de yoga em Nova York, tudo muito espiritual, eles dizem. Tudo muito conectado, “ciberneticamente e energeticamente em prol das melhorias do nosso mundo”, eles continuam dizendo. Depois da yoga, por uma aula transmitida da Espanha, ela aprende com o Sommelier de farinha, Ameliano Cepeda, a arte de fazer pão em panela de ferro. Do banheiro em minha primeira cagada do dia, escuto, “O importante é sentirmos a massa, esse contato com as mãos nos remete aos nossos antepassados. É muito importante que possamos sentir essa energia. A farinha tem poder”. Às treze horas, o primeiro *call* com o chefe da sua empresa. Algumas aleatoriedades trocadas, agendas sincronizadas e deveres distribuídos. Despedem-se da ligação com o mantra da empresa “Nós podemos, nós fazemos, o mundo depende de nós.” Almoçamos. Eu preparei; macarrão com molho de caixinha. À tarde, outra Live sobre “A atual situação no mundo e como podemos mudar tudo.” A Live é encerrada com uma meditação global. O mantra “Um a um” vai tomando conta da casa. Hoje a *hashtag* da hora é: #todosjuntosvenceremos

II

Às sete horas da manhã, o relógio desperta. Ana desliga o seu celular. Minutos depois é o meu que toca. Desligo. Dou uma olhada nele e já tenho uma enxurrada de mensagens. O de Ana também. Frases de efeito, “Bom dia e muita alegria”, mensagem enviada às seis e quarenta e cinco por minha mãe, “Saudade de vocês, como estão?”, mensagem enviada às três e quinze da manhã, por um amigo. Links e mais links sobre listas do que fazer nesse isolamento. Como aguentar a pressão do confinamento. *Coachs* tântricos adventistas do sexagésimo nono dia, ensinam a mais nova técnica milenar para controlar a ansiedade através da masturbação apostólica, criada por monges caribenhos.

Na TV, os jornais destacam a necessidade do altruísmo em tempos difíceis. “Mensagens positivas e muita energia boa nesse mundo, meu anjo, é disso que precisamos”, “Falou comigo?” Grito do banheiro. Ana aparece na porta, “Sim e com quem mais ia ser?”. “Sei lá, parece que nesse isolamento o mundo todo está aqui dentro de casa”. Sentamos para o café e recebemos uma vídeo-chamada de um amigo que há tempos não vemos. “Diz aí casal, como estão?”. Papo vai, papo vem, ele comenta que a *hashtag* da vez é #ligueparaumamigo. A chamada é encerrada. Os dias passam, vamos levando na cara mensagens de “Dicas de ouro para manter os estudos”, “Dez dicas para a produtividade”, “Seja criativo”. “Criatividade e sucesso, os 12 passos do herói” e, no final de mais um dia, é anunciado em rede mundial, o fim do isolamento.

III

Às sete horas da manhã, o relógio desperta. Ana desliga o seu alarme. O celular dela toca, é o chefe anunciando que terão um dia cheio. Minutos depois o meu toca. É Ana quem desliga. Ela já está de pé. Entra num banho frio. Enquanto preparo o café, minha música é interrompida por um comercial de Ameliano Cepeda anunciando a mais nova farinha aditivada. “Seu pão com mais sabor”, a voz estridente de Ameliano toma a casa, “desenvolvi essa farinha enquanto estava em isolamento social em meu rancho”.

O estúdio de yoga de Nova York, faz uma Live no Times Square anunciando novas turmas de meditação para a agitação do mundo pós isolamento, intitulada “Businesspower yoga”. O comercial é um agito só, pessoas pulando com sorrisos

estéreis e olhos vidrados. No final do comercial, a professora, com uma cara que lembra Charles Manson, diz: “Ohm é poder!”

Não recebi nenhuma mensagem até agora. O ruído de mensagens cessa. A bolsa de valores começa a dar sinal de vida e *Traders* anunciam novos *targets* para os negócios. Todos aguardam a *hashtag* ser anunciada. Ana sai para o trabalho, escutando um podcast sobre “A construção holística do ser de sucesso”. Leva o café para viagem. Ganho um beijo de longe acompanhado de “O mundo voltou”.

Na TV ligada, comerciais e mais comerciais anunciando os mais novos produtos para a vida pós-isolamento. Desligo.

Finalmente posso ir ao banheiro em paz, dar aquela cagada. O mundo voltou ao normal e minha solidão também. “Graças aos Deuses e Deusas”. Tenho de volta meu tão estimado isolamento social. Volto a escrever meu livro, que até agora intitulei “O cume do fracasso: os mil passos para a felicidade e outras tantas mil formas de ansiedade numa sociedade viciada em escadas para o sucesso.”

**Felipe Pires de Oliveira escreve por puro querer. É designer de formação e sempre usou a escrita como ponto zero de todos os seus projetos. É nela que (olha o clichê) se encontra.*

ADEUS INESPERADO

*João Leno Lima**

Hoje não existe mais dona Sandra, o tio Ivo e o Relicário. Partiram antes do tempo. Muito antes, quando a pandemia nos lançou em desabracada travessia.

Dona Sandra estava escrevendo um minidiário para deixar para o neto. Contou-me que: “tudo não passa de recordações banais. Idas ao cinema ver Woody Allen, caminhadas pela República e viagens ao interior. Lembro do dia que fui fotografada por um homem afeiçoado que quis me conhecer melhor, mas eu não quis, sabe, depois descobri que era o prefeito local e estava solteiro, tudo bem, não quero ninguém batendo na minha porta pedindo comida ou mantimentos, se batessem, me sentiria culpada por não ajudar. Quero que meu neto seja escritor e eu seja sua personagem” – confessou.

Para tio Ivo, ficar sem futebol aos domingos era uma punição. O tio gostava de tagarelar sobre as “jovens senhoras” que via na praia e sobre o Botafogo. Todo domingo ele contava histórias sobre a juventude e sobre seu pai: sobrinho, vou te dizer, sei que é uma história batida, mas sempre sonho com meu velho pai, tu sabes, ah como sabes! Ele bebia sua cachaça aos domingos e jamais poderia ser interrompido. Só uma invasão de flamenguistas poderia chamar sua atenção. Pai gostava sempre da poltrona perto da janela e lá ficava ouvindo seu Gonzaguinha e Cartola, depois de um jogo, quando perdia, e quase sempre aquele time perdia, ficava lá se remoendo até meia-noite, mas nesse sonho, foi diferente sobrinho, meu velho não se isolava de nós nesse dia, sabe, era um dia ensolarado como poucos e ele nos levou para comer algodão-doce e ainda lembro que ele disse: “Se vocês passarem na escola sem prova final, vou comprar um negócio para cada”. Perguntamos o que era e não respondia. Era cínico o velho. Tu acredita que a gente passou? Mas bem rente à trave (risos). Sabe, tua vó chorou nesse

dia, seria tão bom se fosse verdade, mamãe sempre chorava, mas era do contrário. Alguém frio dentro de casa é aquele jogador sem alma que lamentamos. Não lamento meu pai, mas morreu sem jamais nos abraçar.

Lembro que nos despedimos e que o sonho do tio Ivo ficou me remoendo por dias. Assim, resolvi visitar o Relicário, meu lugar favorito. O cheiro de livro usado é um vício a ser estudado. Logo na chegada, organizando obras de Kafka e Tchekhov, o nobre livreiro, era assim como eu o chamava e que depois de anos de intimidade, passei a ter vergonha de perguntar seu nome, guardou os livros, desligou o som de Bach e me chamou para um café e conversações no fundo do prédio antigo. Dessa vez, não fez graça sobre a forma com que levo a xícara ao rosto, e não preparou pequenas indicações rabiscadas à mão, como de costume. Um vazão de assuntos tilintou a colher sobre a mesa e o velho balbuciou imperceptíveis confissões familiares:

— Amigo... desculpe a indelicadeza do momento, sempre vens aqui e és sempre bem tratado, todavia, hoje é um dia cinza. Minha filha descobriu uma doença rara e jamais poderá engravidar, quicá viver por muito tempo. Amigo, minha filha morrerá nos meus braços, sentenciou o médico, disse para eu me preparar, mas amigo, não há como preparar para a perda de uma filha. Ela já tem trinta e cinco, é uma mulher solteira e voltou a morar comigo, nos apegamos novamente. O tempo tem suas regras e o mundo é dele, o tempo é ditoso e somos cobiças de um destino incerto. Não há qualquer razão momentânea para sorrir ou acreditar na vida. Se somos um grão de areia no universo, o que seremos sem outros grãos para nos defender? E percebi que minha presença para ela é uma insignificância múltipla de carne e espírito. Vejo que falo coisas demais... Diga, como vai você, sua família, teus filhos, como afirmam por aí “quais as novas?”

Jamais respondi tal pergunta.

Agora, o livreiro não está mais lá, talvez nem a filha. Meu tio Ivo, dizem, já se ar, segurou com força a mão de uma enfermeira que a soltou, o fazendo lembrar pela última vez do pai. Os filhos de dona Sandra contaram que ela jamais escreveu uma linha no diário. Nunca saberemos o porquê. Há um vácuo em outras famílias, talvez haja um vácuo no universo. Outro dia fiquei sabendo que, num asilo, apenas uma senhorinha havia sobrevivido e ninguém a consolava por isso.

Ao sair, há um sol solitário para cada transeunte e o mesmo ambiente compondo a luminosidade estridente, todavia: as buzinas, um pouco mais brandas é verdade, já não agredem com a mesma relevância. Há semáforos sem cores, carros antes nervosos, agora contornando com paciência árvores mortas, *outdoors* como cascas de banana, cães em

suas linguagens obscenas. A chuva, as poças, bueiros, bicicletas trapezistas entre ônibus elefantes. Uma criança dança ao som de sirenes, uma porta de comércio é levantada às oito, um gato finalmente espreguiça-se e, na avenida principal, há tempos não vista, agora não mais corremos, agora, simplesmente andamos no mesmo passo da vida: um dia, outro dia e quantos ainda nascerem.

**João Leno Lima é paraense, servidor federal, formado em Gestão Pública. Publicado nos cadernos de prosa 2015 e 2017 da Revista Subversa, Trino (2017), CBJE (2015) e finalista do concurso literário das federais do Pará (2018). Autor do e-book: O Homem Inadequado (Ed GatoEd).*

DIREÇÕES OPOSTAS

*Roberto Passeri**

Depois de uns dias meditando sobre o assunto, Francesa decidiu que ia tentar voltar para casa. Eu a chamava assim porque minha pronúncia do seu nome lhe causava calafrios e não tive tempo para inventar outro apelido.

Alertei que as fronteiras ainda estavam todas fechadas, mas ela deu de ombros.

– *Non me importè* – disse, torcendo a cara num esforço engraçado que sempre fazia para ser compreendida.

Colocou as coisas no carro e acelerou para cruzar três países no meio do apocalipse. Uma perda inestimável. Eu não estava apaixonado; na verdade, mal nos conhecíamos. Mas certamente viríamos a nos conhecer pela força das circunstâncias.

Teria sido um alívio enorme ter outra casa para preencher, outro cenário para ocupar. Poderíamos cozinhar com música e vinho, afinal todo mundo sabe que fazer comida apenas para si mesmo apodrece o coração lentamente.

Nós teríamos tanto tempo que de modo algum seria necessário mentir para impressionar, ou engolir parte das histórias para ir direto a um ponto conveniente: seríamos personagens bem mais completos um para o outro, riquíssimos, cheios de falhas, traumas, cacoetes, detalhezinhos que fazem verossímeis as narrativas. E quando estivéssemos enrolando as línguas de tanto beber e falar, usaríamos elas para outros prazeres e chegaríamos naquele primeiro sexo de descoberta. Que logo se tornaria íntimo, sincero, repetido tantas vezes que ficaríamos grudentos e, em algum momento da tarde, sentiríamos nojo da roupa de cama. E aí viria o banho fresco, revelando detalhes de nossos corpos que até então estavam ocultos pela penumbra do quarto e pela vontade de gozar. Por fim, esticaríamos lençóis limpinhos, abriríamos as janelas, e seria

incontrolável sorrir de volta para o vento quando ele soprasse aquela sensação de que renascemos curados de tudo, absolutamente tudo.

Mas essa chance escorreu por entre os dedos, e agora os vizinhos são tudo que me resta. Sou viciado neles desde que o contato com estranhos na rua foi proibido.

A varanda dessa senhora é a única com roupas penduradas nas noites frias, porque é isso que ela é para mim: a Senhora Viciada em Estender Roupas. Para não se reduzir a um grão de areia resignado numa ampulheta, ela inclina o tronco para fora dez vezes por dia e, com muito jeitinho, prega na corda as calças, as meias e os lençóis.

Há um sujeito de cabeça branca, mas ele não chega a ser velho. Só vem à vista quando está sol: faz uns movimentos desajeitados de boxe, golpeia o ar meia dúzia de vezes e, então, acende um cigarro como prêmio para os pulmões. Mas nunca fuma até o fim.

A Menina Bonita ainda não descobri se é real, porque ela surge e desaparece na velocidade dos fantasmas e está sempre olhando para o lado de cá. Acho que dançava noite dessas, mas sumiu atrás das cortinas rosas antes que eu pudesse dançar também.

Vejo daqui, embora com menos frequência, a Mulher Desinfectada. Enlouqueceu durante a pandemia: agora usa luvas e máscaras dentro de casa e passa umas boas horas esfregando um paninho na janela. Quando termina, debruça-se para observar, entristecida, o balanço das árvores.

Não há muito mais que isso, a não ser três gerações de gatos que fazem a ronda, e uma TV que mora sozinha e nunca se apaga – bem em cima do Boxeador Fumante. Esse prédio é um pouco melancólico e acaba cedo, mas é o único de humano que tenho para assistir.

Fracassamos como espécie. Enquanto as outras formas de vida dançam todas aliviadas lá fora, enquanto o sol brilha como sempre brilhou, as francesas vão cada vez mais longe na direção oposta, neste mundo errado demais.

**Roberto Passeri é carioca, jornalista e redator freelancer com experiência no mercado televisivo e editorial. Foi responsável pela comunicação de canais como Universal, SporTV, Multishow e Bis entre 2014 e 2019. Atualmente, vive em Portugal e trabalha para a publicação de seu primeiro livro.*

ME SOLTA

*Flávio Sanso**

Foi-se o tempo em que o nariz entupido era uma insignificância, um incômodo banal. Foi-se o tempo em que uma dor de cabeça fraquinha era só uma dor de cabeça fraquinha. Nesse tempo, tossir quase sempre não passava de um ato involuntário, mecânico, imperceptível como um cacoete. Nesse tempo recente e também já distante, coçar os olhos, meter o dedo na boca, apertar distraidamente a mão de alguém não trazia à consciência o peso de ter cometido um pecado sem perdão. Nada disso hoje permanece indiferente ao alerta paranoico ou não da preocupação sobre sintomas e diagnósticos. Penso nesse tempo com saudade e, enquanto engulo seco para testar a saúde da minha garganta, ouço um som peculiar que interrompe o silêncio lá fora.

É a buzina do motociclista pago pela associação de moradores para fazer a ronda noturna pelas ruas do bairro. Ao longo do percurso, vai cruzar com outros motociclistas portadores de mochilas cúbicas e multicoloridas a caminho de onde a fome dos confinados os aguarda. Aliás, nestes dias de trânsito reduzido, a orquestra formada pelos escapamentos das motos, em seus mais variados tons, domina o pouco que a cidade anestesiada produz de barulho. Por falar em barulhos e sons, é coincidência que logo agora eu ouça gritos, gritos de criança.

Vou até a janela e vejo lá fora a figura de um homem de cabelos brancos: um idoso, conforme linguajar técnico que define um dos componentes do grupo de risco. Ele está envolvido por uma aura de descuido e teimosia. Primeiro, pelo simples fato de perambular pela rua. Segundo, porque está sem camisa, mesmo em meio a uma garoa fina que começa a se intensificar. E terceiro, porque desobedece aos gritos da criança que chama por ele. Sim, um menino, provavelmente neto do idoso, implora para que ele

volte para a casa. Hipnotizado pela curiosidade, o idoso segue na direção de outro foco de barulho, que logo identifico como uma briga.

Não consigo ver o lugar da rua onde a confusão se desenrola. Tenho a visão obstruída por um pequeno prédio em construção. O que me resta então é me orientar pelas informações sonoras. Há as vozes que vociferam insultos e também as que tentam esfriar os ânimos. Muitas são as pessoas envolvidas na briga, a julgar pela variedade dessas vozes. Uma delas me chama mais a atenção. Alguém, de modo choroso, grita repetidas vezes: me solta, me solta, me solta. No meu campo de visão, surge uma mulher. Provavelmente filha do idoso, ela puxa-o pelo braço como se o resgatasse de um ambiente radioativo. Enquanto isso, as vozes vindas da contenda continuam ecoando, especialmente aquela que grita: me solta, me solta, me solta.

E a briga ainda persiste por uma duração exageradamente anormal até para padrões de quem tenha quilômetros de diferenças a acertar. Os que participam dela ignoram a chuva, a aglomeração e o perigo do contágio. Talvez queiram prolongar a briga indefinidamente. Para sempre, se pudessem. Talvez a façam perdurar como meio de fingir que ainda estão livres, como meio de se agarrar desesperadamente a um jeito de viver que acabou. Vejo o motociclista vigilante parar a moto para observar o tumulto. De longe. E ouço mais algumas vezes a pessoa que grita chorosamente: me solta, me solta, me solta. Desconfio que há algum tempo já a deixaram de segurar.

**Flávio Sanso foi um dos vendedores do Prêmio “Rubem Braga de Crônicas”, promovido pelo SESC/DF. Figurou entre os finalistas do “Concurso Off Flip de Literatura”, edições 2015, 2016 e 2017. É autor dos livros A base do iceberg e Viva Ludovico (romances) e A vida é um sorvete derretido (crônicas).*

FÔLEGO

*Jonatan Magella**

A senilidade ainda não o fez esquecer: quem vive e quem morre é decidido por um mero detalhe. Por exemplo: ele, Domingos, está saindo do hospital. Vivo. Curado e com a filha à retaguarda. Mas sabe, por informações virtuais, que seus amigos nem conseguiram entrar em um. Coitados. Não tiveram acesso à rede de saúde. Nem à uma filha bem-sucedida.

O sucesso da filha, claro, foi decidido nas minúcias: ela, aos dezesseis anos, chegou em casa dizendo que queria fazer uma prova. Que precisava de cinquenta reais. Os amigos de Domingos disseram: bobagem, homem, bobagem, dinheiro mal gasto, um galo dá pra uma cesta básica. São esses amigos que agora estão nas calçadas à espera de respiradores.

Mas Domingos não os culpa. Pelo contrário: sente-se, em parte, mal por ser o único da rua a ter um bom atendimento. Porque a filha passou naquela prova. E depois em outra, em outra e em outra, e agora passou, junto com o pai, pela maior prova da vida dele: não morrer sem ar, já que o ar não queria mais entrar no nariz dos velhos.

Na porta do hospital, havia um táxi à espera. Não existe mais o costume de manter vidros fechados. Domingos não gosta do vento frio de inverno que entra. Arde a pele. Arde como o vento cortante no nariz ou como a brisa do mar depois da insolação. O vento parece uma faca invadindo os poros.

Mas Domingos resiste. Agora, com o pulmão praticamente curado, sente até vontade de fazer uma travessura.

– Podemos parar na praia, filha?

– Ainda não, pai. Acabou a pandemia, mas elas estão fechadas pela última semana.

– Tudo bem.

– Semana que vem eu trago o senhor – diz a filha, a melhor filha que se pode ter.

O carro contorna um quarteirão residencial, bonito e cheio de árvores frondosas. Ele vai ficar no quarto de hóspedes. Não dá para morar sozinho nessa época. Ele resistiu, como de praxe, mas torcendo pra ela não mudar de ideia. Ela estará sozinha em um quarto, ele no outro: a solidão compartilhada é menos dura. Pior é a solidão de seus amigos: à porta do hospital, sem família, sem médico e sem ar, que não queria entrar no nariz dos velhos.

Na porta de casa, ainda de máscara, Domingos respira fundo. Talvez seja a primeira vez em semanas que consegue preencher o pulmão todo. É com prazer que percebe o ar passando pelas narinas, traquéia, brônquios e bronquíolos. O ar está lá dentro, depois de negar-se por semanas.

Outra travessura passa pela sua cabeça: prender o ar nos pulmões. Não deixar que saia. Sim, o ar ficará em quarentena dentro dele. Será a vingança: se Domingos foi internado, se precisou ficar isolado durante a pandemia, foi por falta de ar; ou melhor, o ar estava disponível, tinha ar no mundo, ele só não queria entrar no nariz dos velhos. Agora Domingos daria o troco: castigaria o ar com isolamento social.

Mas a política extremista durou só alguns segundos. Domingos começou um princípio de vertigem e ficou tonto. A filha, preocupada, quis saber o que houve. Nada, querida.

Vamos para o quarto.

Além da cama grande, onde se deitou, e da mesinha de madeira, onde fez quatro boas refeições, havia uma janela enorme. Ali tomou o sol da tarde, sentindo o espaço um pouco mais arejado. Havia também acesso a uma televisão com canais de esporte, onde assistiu a volta dos treinos dos jogadores, e um bom sinal de *wifi*, para ter notícias.

Mas, embora a filha viesse de hora em hora saber se estava tudo bem, a solidão era dolorida.

Por isso retomou a travessura: aprisionar o ar outra vez. Depois de treinar, não dava mais vertigens. Foi aí que chegou ao seu celular a confirmação: mais dois amigos foram infectados e ainda não tinham conseguido um hospital. Mesmo no final da pandemia, os últimos doentes ainda sofriam.

Domingos decidiu parar com a travessura: nem bem preenchia o pulmão com ar, libertava-o o mais rápido possível. Era só um detalhe, imperceptível à filha, mas quem sabe o ar voltasse a querer entrar no nariz dos velhos que ainda restavam.

**Jonatan Magella nasceu em 1990. Publicou Vidas irrisórias (contos, 2018) e Desculpe o transtorno (dramaturgia, 2019). Também escreve para teatro e cinema. É um dos organizadores do evento literário Aleatórios. Vive em Nova Iguaçu/RJ.*

DOENÇA DE COVEIRO

*Raphael Carmesin**

Arfava sem acreditar no que tinha acontecido. O peito, antes tão rijo, embrutecido, caía-lhe mole, quente, afobado sobre os pulmões. As mãos, normalmente firmes e sebtas de terra, estavam lavadas – o sabão entre os dedos, dentro das unhas esverdeadas –, tremiam de esgotamento; uma consumição física e emocional na mesma medida.

Embora o corpo quisesse desistir da vida, varara a madrugada sem conseguir repouso, só uma letargia de quando em quando, uma cochilada por descuido. Mas entre o dormir e o descansar há uma distância considerável: dorme-se por deveres bioquímicos da natureza, mas o descanso exige mais; exige uma espécie de quietude, calmaria, entendimento que vem de fora, mas que vem de dentro também, do peito que, agora, em tumulto, não lhe queria ceder.

Fechar e abrir os olhos lhe dava-se igual. Parecia que toda a terra daquele cemitério, revolvida durante a semana, caía-lhe sobre as órbitas, invadia a garganta, brotava-lhe dos ouvidos, aterrando os poros do corpo até a alma. Levantou-se esfregando a face com as mãos calosas, na vã tentativa de se ver desembaraçado daquilo que desconhecia.

Mas, até a altura dos ombros, os braços doíam. Nas últimas 48 horas, enterrara mais de quinhentos corpos, sucessivamente, em cemitérios oficialmente reconhecidos pelo Estado e em terrenos baldios promovidos a cemitérios.

A máscara na face, a luva encardida, os óculos escuros e o suor pendendo do nariz, denunciavam que ali não estava uma máquina de enterrar gente, mas um homem que sonhava ser médico, ver gente nascer, promover a vida, e que viu o sonho sendo

enterrado em alguma sarjeta do acaso. Agora, sobrava-lhe ajudar a devolver à terra, os filhos que ela um dia gerou.

Fazer o quê; com o aumento dos sepultamentos causados pela peste, abriram-se vagas de coveiro no Município. O aumento do efetivo foi a oportunidade para obter certa renda, sustentar a mulher e os filhos. A mulher queixava-se, os filhos perguntavam se não teria medo de mexer com os mortos. Ao diabo... medo tenho de enterrar vocês, mortos de fome, que Deus nos livre!

Mas, é de confessar: nunca havia visto a morte tão sobranceira. É certo que frequentara velórios, já testemunhara mortes na infância, perdera amigos que sumiram nos carros da milícia, é certo que já sofrera o luto por antecipações, ao vivo ou na imaginação. Porém, nunca tinha visto a morte tão grandiosa, tão implacável.

Neste único mês de coveiro, absolutamente tudo tinha ares, gosto, visão, cheiro e toque de morte. Não sabia identificar se estava doente também, mas se estivesse, era de outra enfermidade, outro vírus quem sabe, doença de coveiro.

Diziam nos noticiários que a peste enfim tinha acabado e que, agora, os que morressem, seriam a última da fila de falecidos. Ficou feliz e triste, teve remorso: o medo de perder o emprego e a esperança da cura lhe disputavam a simpatia.

Aos que dizem que aqueles que lidam com a morte tornam-se indiferentes com o fim inexorável das gentes estão mal informados, pelo menos quanto aos coveiros. Confundem indiferença com um grande e cerimonioso respeito pelo ocaso das vidas.

Mesmo em meio a um amontoado de defuntos, cavam as sepulturas com toda perícia e responsabilidade, como nem uma mãe o faz quando afofa a cama de seu filho. Quando carregam o féretro lacrado ou, na falta de um, o corpo embalado no invólucro do IML, sonham que estão, enfim, dando um descanso merecido das dores e desgraças das vidas humanas e que, ali, podem exercer uma espécie de cura, não das que promovem a vida, há muito derruída, mas das que promovem a boa morte.

Nesta semana fez mais: sem caixões que o dessem, teve que ir nas casas apanhar os finados, já malcheirosos. Pelas vielas, via os corpos assomando das calçadas e, enfrentando os urubus, os cães vadios, o desespero dos parentes, restaurava-lhes a dignidade de serem comidos apenas pelos vermes, na intimidade da terra, longe de olhares asquerosos.

Agora, insone, molestado pelo peso de tanta gente que carregara, levar um copo de água à boca resultava mais dolorido que empunhar pá e enxada. E esse gosto de

morte na água... Mesmo com a vacina, mesmo com a vida, enfim, prevalecendo sobre o genocídio, este gosto nunca mais lhe sairia das entranhas.

E pensar em todos aqueles pobres diabos, enterrados em tumbas protocolares, sem parentes que os chorassem, sem memórias que os cantassem, sem rito, sem pompa, em velórios desencantados, sem companhia de vivente que não fosse o coveiro que lhe levava...

De súbito, um aceno de vida acendeu nos olhos do coveiro, afastando-lhe o palor e o cheiro de morte das narinas. Olhando para a escuridão da janela, compreendeu o que enfim sentia: era medo. Não o medo da morte, que fique claro. Era o medo da solidão, do insulamento, do desterro. Doença clássica, doença de coveiro.

**Raphael Carmesin é natural de Belém-PA, Servidor Público Federal, Doutorando em Educação, participante esporádico de concursos literários.*

